

Os Heróis da Ópera Paraense

Montagem: “Os Heróis”

XXV Festival de Ópera do Theatro da Paz

Malu Guedelha¹

No domingo do dia 24 de maio, fui assistir a ópera “Os Heróis” a convite do meu pai. O espetáculo aconteceu dentro da programação do já tradicional Festival de Ópera no palco do suntuoso Theatro da Paz.

Primeiramente, para contextualizar um pouco sobre a obra em questão, descobri pelo meu pai, se tratar de uma ópera composta por um autor paraense, o Meneleu Campos (1872-1927) e, através do programa disponibilizado via QR CODE no teatro, li algumas curiosidades sobre a obra como o fato de que a partitura orquestral completa foi dada como perdida por muitos e muitos anos e historiadores indicavam a redução para canto e piano como a única testemunha sobrevivente da composição do *magnum opus* de Campos.

Foi graças a esforços da gestão da Secretaria de Cultura do Estado do Pará que foi iniciada uma pesquisa com ponte no Rio de Janeiro para resgatar o manuscrito e com a ajuda da Biblioteca Nacional, foi encontrada a partitura.



Com 120 anos de espera, após processos de revisão e editoração, agora no ano de 2026, finalmente a ópera tem sua estreia dentro da programação do 25º Festival de Ópera do Theatro da Paz.

Me senti mais animada ao saber que era uma arte feita por um paraense e com elenco e produção majoritariamente paraenses também! Me senti honrada ao reconhecer que assisti a estreia deste espetáculo.

Bom, a ópera gira em torno dos conflitos políticos e da luta dos italianos pela independência do país em 1848. É ambientada em Milão, durante a dominação austríaca da Lombardia e retrata a tensão entre a lealdade política e os ideais revolucionários dentro da família Dedomini. O Conde permanece fiel ao governo invasor, enquanto os seus filhos aderem à luta pela libertação italiana e é aí, que brota um romance proibido entre a filha deste conde e um oficial austríaco.

¹ Graduanda do Curso de Produção Cênica – UFPA; Atividade desenvolvida na disciplina “Conexões Teatro e Filosofia” ministrada pelo professor Edson Fernando;

Os cenários foram simples, foram utilizadas panadas cenográficas, o que facilitava a troca dos cenários, de forma dinâmica e prática, mas que deixava a desejar esteticamente falando. Já os figurinos estavam muito bem confeccionados e alinhados, assim como toda a caracterização dos personagens e do coro de forma geral.

O que me chamou muita atenção foi a entrega musical propriamente dita: as melodias, o arranjo dessa ópera é lindíssimo e a performance vocal de todos os personagens do enredo é de tirar o fôlego. É como se bastasse apenas a entrega vocal e musical e isso fizesse sentir menos a falta de um cenário mais elaborado e complexo.

Cresci acompanhando algumas óperas deste festival, e, apesar de não ser nenhuma especialista no assunto, muitas foram marcantes pelo todo, mas essa, me pegou pela sutileza, pelo cerne da coisa toda: a matéria da música. Acho que o bairrismo também contribui para esse meu sentimento, bate um orgulho presenciar um trabalho desse produzido por um paraense e erguido majoritariamente por paraenses. Mas, como nem tudo são flores, gostaria de ressaltar a importância de uma contextualização da obra mais ampla nos programas distribuídos. Apesar de contarem causos sobre a partitura em si, não encontrei nada de sinopse nele, precisando pesquisar na internet para me familiarizar melhor. E isso é importante justamente para que possamos melhor absorver o que está sendo apresentado.

Apesar disso, no geral, foi o tipo de coisa que inspira. Por não ser algo tão comum encontrar por aí óperas da nossa região, ao se deparar com uma, faz parecer que tudo é possível.

No mais, após quatro atos, que não me foram nem um pouco cansativos, e de me sentir extremamente envolvida com a trama, posso afirmar que vale toda a pena do mundo assistir “Os Heróis” de Meneleu Campos e vibrar com heroísmos da nossa terra.

Julho de 2026

